

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assinatura	ANNO	SEMEST.	TRIM.	N.º	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1304	Redacção—Administração—Atelier de gravura Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela L. do Convento Jesus, 24
1.º Anno (franco de porte m. forte)	5.000	2.500	1.500	1.º		Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto Largo de S. Roque, 11 e 12
2.º Anno (ultramarias idem)	10.000	5.000	3.000	2.º		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
3.º Anno (ultramarias idem)	15.000	7.500	4.500	3.º		

20 de Março de 1915

Associação Comercial do Porto



Palácio da Bolsa no Porto — GRANDE SALA DAS SESSÕES

Está interessando vivamente a opinião publica a questão levantada agora na capital do norte, sobre a reintrega do Palacio da Bolsa d'aquella cidade á Associação Comercial do Porto, e que o governo provisorio da Republica, por decreto de 7 de Fevereiro de 1911 mandou entregar á Camara municipal para nele estabelecer os Paços do Concelho. Aquelle decreto, a que não foi extranha a politica, levantou na ocasião o protesto da Associação Comercial e do Comercio, mas o decreto não foi derogado. O direito que a esta Associação assiste da posse e administração do Palacio da Bolsa resume-se muito sumariamente no seguinte:

A carta de lei de 18 de junho de 1841, concedeu á Associação Comercial do Porto as ruínas do Convento de S. Francisco para, no mesmo local, construir o edificio para a sua sede, com a condição de nelle reservar uma sala e mais dependencias necessarias para o Tribunal de Comercio.

Para esta suntuosa construção foi lançado um imposto adicional sobre os generos despachados na alfandega do Porto. As obras foram zelosamente administradas pela Associação e levaram cerca de quarenta anos até seu final acabamento, sendo a ultima parte concluida o Salão Arabe ou de Honra.

O cuidado que a Associação Comercial poz, quer na suntuosidade da construção, quer na riqueza do mobiliario com que a guarneceu, tornou este edificio o mais rico da capital do norte e um dos mais notaveis do pais.

A reivindicação da posse deste edificio é agora reclamada ao governo, pela Associação Comercial do Porto e reforçada por varias camaras municipaes do Norte e associações incluindo as commerciaes e industriaes de Lisboa.

CRONICA OCCIDENTAL

Torna-se banalidade corrente nas gazetas — dizer que não é deveras prestigiosa a situação externa de Portugal. Ao contrario, a politica dubia, sinuosa, inhabil, seguida nos ultimos tempos, somente conseguiu acordar nas potencias, se não uma antipatia ostensiva, por certo uma quase-indiferença fria e reservada. De onde a onde, noticias officiosas acoadam se a declarar aos timidós que são excellentes no estrangeiro as nossas relações de amizade e funcionam com regularidade as engrenagens da nossa diplomacia. Evidentemente, estas declarações, sem duvida, bem intencionadas, não podem satisfazer os menos lidos na imprensa da extranja, nem tampouco aqueles que se acostumaram a orientar os seus raciocinios por uma logica, a rigor. Sim. Essas declarações são bem intencionadas, sem duvida; mas, sem duvida, também, são conscientemente erroneas: porquanto não se compreende que os magnates do regimen andem tão alheados das coisas deste mundo que não atentassem ainda na attitude observada nos ultimos tempos pelo estrangeiro ante a nossa nacionalidade.

Essa attitude não move de espanto ninguém.

Que sorte de confiança podemos nós merecer de extranhos—se de nós proprios perdemos a confiança e descremos miseravelmente da nossa missão?! A nossa existencia politica tem sido um caso de bamburrio ou antes e melhor — a realisação dum destino que a providencia parecia ter guiado á gloria maior, e os

pecados de estupidez e maldade dos homens puderam tornar dolorosissimo. Por um momento, das gáveas altas das nossas caravelas de aventura dominamos sobranceiramente o mundo inteiro — e pouco a pouco descaimos e agora — ai de nos — descemos tanto que todo o mundo nos abate debaixo do bloco frígido e rígido do seu desprezo.

Ninguém, parecia mais bem orientado na conquista ovante do dominio: a breve trecho, mostramo-nos, tal qual somos hoje, indignos da protecção que os deuses nos dispensavam... Caiamos e jamais conseguimos erguer-nos, de pé, altivos, como dantes. Ao depois, se quizemos caminhar, arrastamo-nos de cocoras...

A' nossa nacionalidade submeteu-se humildemente. A autonomia nacional, perdemola e jamais tornamos a recuperála. De facto, assim é, embora soffra e sangre o novo orgulho de patriotas intransigentes. Note se — não nos referimos á existencia politica da nacionalidade, que essa reconhecemola, e todos nolá reconhecem, incontestavelmente autónoma, tão autónoma que por ahi a vemos choutar, á solta e á doida, sem estímulo de entendimento, nem peias de bom senso.

A' ultima hora, soaram gritos de alerta e todos voltaram a face confusamente para os lados de Espanha donde c meçara a soprar um vento rijo de nortada. Alguns previram em iminencia um assalto brusco. A tempestade serenou...

Mas é curioso de observar que somente numa hora possivel de perigo viesse em torvelinho á imaginação dos bons homens de Portugal a ideia de patria. O que é certo, dolorosamente certo, é que de autonomia nacional restam

os vestigios de politica que vemos fermentar por esse paiz em fóra.

De resto, temos sido, nada mais, nada menos, um protectorado de potencias que se revezam. Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, exerceram, alternadamente, sobre esta nacionalidade, as influencias irresistiveis dos seus poderios. Dum exame atento dos varios ramos de serviços publicos, conclue-se — que se nos somos os proprietarios do solo patrio, os estrangeiros teem sido e são os seus reconhecidos usufructuarios. A nos — os encargos da governança; a eles — as vantagens das negociações.

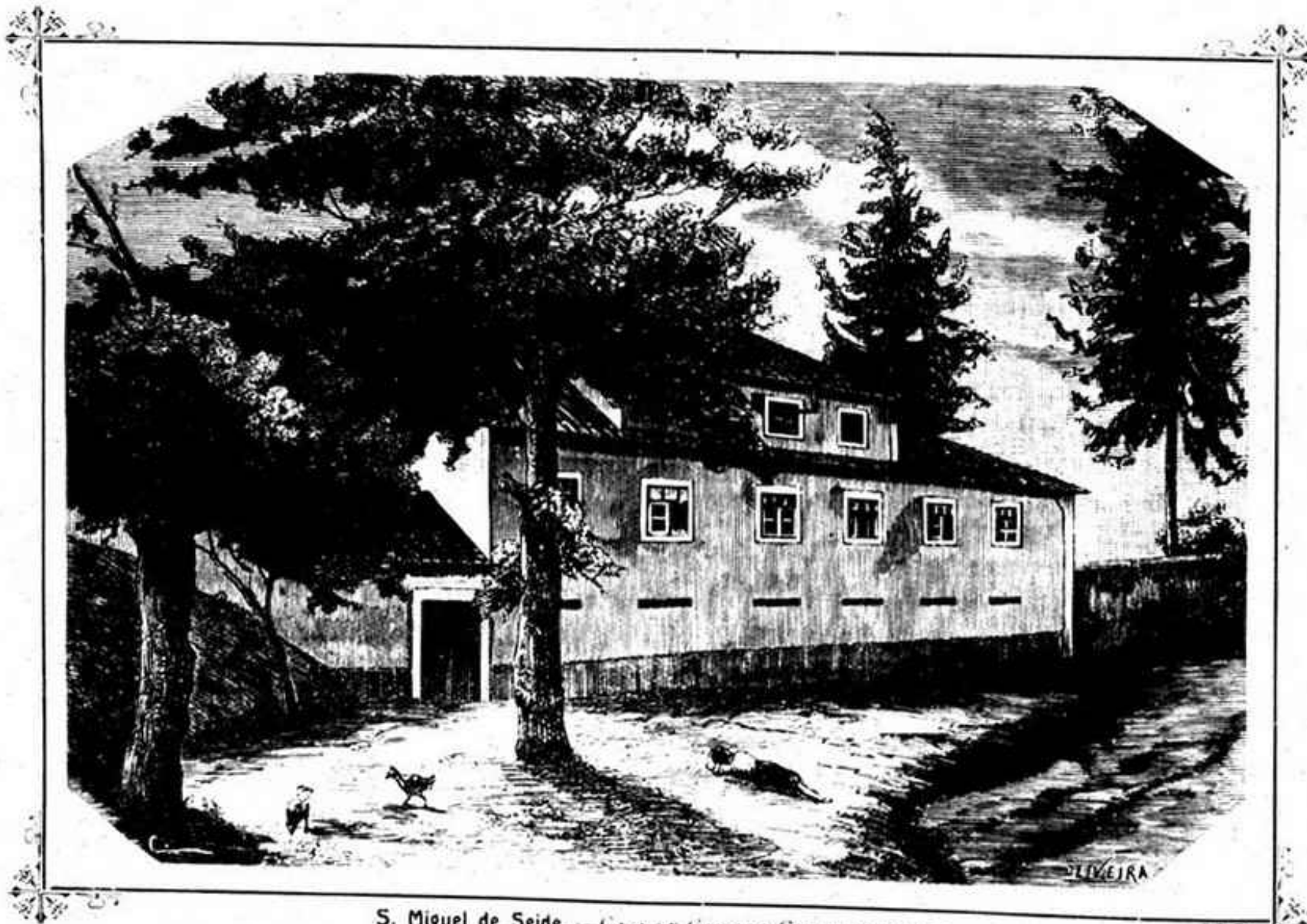
Entretanto, nenhuma voz se ergueu ainda em protesto, nenhum braço vigoroso esboçou ainda um gesto de revolta contra este estado de coisas secular e ignominioso. A nossa Tradição — base sobre que assenta sempre a ideia de nacionalidade — tem sido demolida, aos poucos, por uma rale intelectual sem nome.

Os problemas que se ligam directamente á manutenção da autonomia nacional, nem sequer encontraram uma intelligencia que soubesse encaral-os com precisão. Ninguém se esforça por fomentar a nossa agricultura. Ninguém se esforça por desenvolver o nosso commercio. Ninguém se esforça por chamar á industria nacional a protecção do estado. Os nossos ministros-das-colonias teem sido simplesmente — aprendizes de ministros.

E mais e mais — o problema, que a todos sobreleva, o problema da ordem e conciliação da familia portugueza não pode ser ainda resolvido...

Miseria! Miseria!

ANTONIO COBEIRA.



S. Miguel de Seide. — CASA DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Dia 17, informaram-nos de que tinha ardido grande parte da casa onde vivêra por muito tempo e falecêra o grande romancista portuguez — o Major de Tolos — Camillo Castello Branco, em S. Miguel de Seide. A tesventura que tanto perseguiu o Romancista, para ahi la em ameaças sobre a casa que se tornou a capela de romaria de todos os devotos da literatu a camiliana.

* * A voz da minha saudade * *



Quando passo na praia e vejo um buzio
Scismo!
Apanho o buzio e levo-o aos meus ouvidos.
Oigo um zunido
E sinto então que são os meus sentidos
Que ecoam. (Dolorido
Mágico abismo!)
O abismo do meu ser na distancia de mim...
... Oh! Como eu scismo
Quando passo na praia e vejo um buzio.

Naquela voz constante de silencio
— A voz que os buzios têm—
E' o meu ser que se ouve a si tambem...
... Aquelle outro meu ser que um dia descaiu
Da terra da saudade
Daquilo que inda não fôra nem sentira:
A suave eternidade
Que no meu sonho eu fui palpar além
Lá nesse além que eu nunca viro,
Porque um dia
Um dia de Alma, puro de harmonia
Me achei sem me avistar no Além que me surgiu!
Oh! Como eu scismo
Quando passo na praia e vejo um buzio.

Porque essa voz constante de silencio
Que eu sinto pondo um buzio aos meus ouvidos
E' não sei que fugida e vã quimera...
Quimera vã dos meus vagos sentidos
Que já não são sentidos!
Mas, no entanto
Quando oigo a voz dum buzio aos meus ouvidos
Eu sinto que o meu canto
Seria a Primavera
Se eu pudesse cantar a voz dos passarinhos!...
... E assim, vou-me entoando silenciosamente
E os meus sentidos cantam ao meu pranto
Só os meus sentidos não
Podem chorar em vão,
Como a minh'alma chora a enchugar meu pranto.

Vou cantando em silencio e vagamente...
... Resurjo de vaidade!

.....
Quando passo na praia e vejo um buzio
Scismo!

.....
Se aquella voz constante de silencio!...

.....
Ah!... Que eu inda não palpára o meu silencio...
Ruivo silencio... A voz da minha vã saudade!

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

A neutralidade da Grecia na tremenda conflagração continua a manter-se, não obstante os motins populares provocados por varios elementos que entendem opportuna a entrada da nação helenica no ontl etc. O rei *Constantino*, que é cunhado do Kaiser, não o entendeu assim, e aceitou a demissão do ministro de *Venizelos*, que foi substituído pelo sr. *Gouranis*. O rei ia sendo victima d'um attentado por parte dum desvairado proveniente do *Epiro*, e que a policia prendeu a tempo. A Italia, a Bulgaria e a Rumania continuam na expectativa, fazendo-se em negociações entre a Austria e a Italia, por um lado, e a Bulgaria e a Turquia, por outro.

A Inglaterra tem mandado importantes reforços para a França e Belgica, sendo bastante sensíveis os avanços dos ingleses na Flandres.

No *Yser* os allemães concentram grandes forças. O celebre canhão 42 reapareceu bombardeando *Nieuport*. Os *Zepellins* tem sido muito damnificados pelas recentes tempestades, e alguns submarinos allemães tem ido ao fundo. O ultimo foi o *U 12*, com a tripulação de 28 homens de que escaparam 10. A Allemanha approva o credito de 10 milhões de marcos para despesas da guerra até ao proximo outono.

A Inglaterra dispende diariamente nesta luta formidavel 1.250.000 libras!

Segundo dados officiaes, até 10 do corrente a Gran-Bretanha perdeu 88 navios mercantes, dos quaes 54 foram apanhados ou aprisionados por barcos inimigos, 11 mettidos no fundo por minas e 23 por submarinos. Tambem se perderam 47 vapores de pesca, e, posteriormente, mais 7 navios mercantes que foram a pique por submarinos allemães.

Foi tambem a pique, o vapor francês «*Auguste Conseil*», proximo de *Starpoint*, salvando-se a tripulação.

Um submarino allemão torpedeou e metteu no fundo o cruzador auxiliar inglês «*Baiano*», de que se salvaram apenas 4 officiaes e 22 marinheiros. Já antes tivera igual destino o cruzador «*Clan Mc Naughten*», com a tripulação de 284 homens. E' curioso notar que não obstante a perseguição movida pelos aliados aos navios allemães ainda haja d'esses inimigos nas aguas do Atlantico. Entre elles citam-se o «*Prinz Eitel Friedrich*» e o «*Kronprinz Wilhelm*», que tem causado serios prejuizos. O primeiro chegou ha dias a *New-York* com 350 pessoas, recolhidas de tres navios francezes, tres navios britannicos, um russo e um americano, que metteu no fundo. Aquelle navio por-se-ha de novo ao mar, depois de reparadas as avarias.

O «*Konprinz Wilhelm*» metteu no fundo o paquete «*Guadeloupe*», ao largar das ilhas *Fernando Pó*.

Calcula-se que sejam d'alguns transportes ingleses afundado os numerosos cadaveres dos cavallos e bois arrojados à praia do *Casino*, perto do *Ferrol*.

Emfim o bloqueio allemão pelos submarinos está sendo uma verdadeira desgraça para neutros e beligerantes. A

propria Inglaterra sente a carestia dos generos e espera que a investida dos Dardanellos lhe abra os portos do Mar Negro, onde 83 navios mercantes aguardam a voz de livre passagem.

O almirante *Koester*, presidente da Liga Naval Allemã pronunciou na Universidade de Berlim, um discurso, de que se extracta o seguinte:

«A marinha allemã está animada d'um espirito offensivo superior, mas sabe que a lucta no mar requiere a victoria ou a morte, e que uma esquadra destruida não se substitue no decurso da mes na guerra.

«Assim, é necessario ter prudencia. Que succederia depois d'um grande combate em que cada barco allemão afundasse com elle mesmo um navio inglês?

«A Allemanha encontrar-se-hia sem esquadra, e então a Inglaterra poderia proceder ao ataque das costas allemãs, e a conducta britannica com as colonias allemãs prova que nenhuma cidade escaparia.

«A nossa costa de *Emden* a *Memel* correria os maiores perigos. Até as tentativas d'um desembarque poderiam realizar-se

«A nossa esquadra deve, pois, proteger-se e não aventurar-se n'uma acção se não pode contar com o triumpho.

«A Allemanha deve permanecer não vencida por terra nem por mar, para obter uma paz honrosa que sacuda profundamente a denominação mundial da Inglaterra».

Com respeito ao poder militar da Allemanha diz nos o *Anuario* do exercito allemão para 1912 que o numero total de homens capazes do serviço militar era de 9.898.000, sendo 4.102.000 com instrucção militar completa, 113.000 com instrucção parcial e 5.683.000 sem instrucção militar. E' certo, porem, que estes tem recebido ou estão recebendo instrucção, obrigando os aliados a activarem o recrutamento de mais voluntarios para o theatro da guerra, cujo recrudescimento se prepara para a primavera, a epocha das flores, do sol radiante, do esplendor da natureza, em contraste com a destruição, o aniquilamento, a morte!

Segundo o «*Daily Chronicle*» ha todos os motivos para que se confie no bom exito dos aliados contra os fortes dos Dardanellos, pois que os allemães demonstraram a evidencia, em *Liège*, *Maubenge* e *Namur* que os fortes não podem resistir á artilharia grossa moderna.

Os canhões de que dispõe a esquadra ingleza dos Dardanellos são mais patentes do que os maiores *haubitzen* allemães, e a sua mobilisação, infinitamente mais facil permite utilisá los a cada instante a diferentes distancias, de maneira que o seu fogo é de resultado mais effectivo.

As peças do «*Queen Elisabeth*», só por si são de affectos mais formidaveis que as famosas baterias allemãs de 10 pollegadas. A presença d'este navio no Mediterraneo é, segundo um redactor do «*Times*» uma surpresa que alvoroçou os subditos do *Kaiser*. E' com effecto o mais potente de quantos couraçados sulcam o mar.

O «*Queen Elisabeth*» pertence a um modelo novo, e destingue-se dos *dreadnoughts* pela potencia da sua artilharia, pela sua velocidade, pela espessura da couraça e até pelo combustivel que emprega. Não é só o primeiro navio de guerra artilhado com peças de 15 pollegadas, mas tem além d'isso uma velocidade de 25 nós. e só consome petrolio.

Pode avaliar-se a sua potencia pelo unico facto de que cada granada que lança, em vez de pesar 700 kilos, como as de typo anterior, pesa cerca de uma tonelada e atinge de 10 a 19 kilometros.

A Gran-Bretanha vae ter dentro em breve mais quatro unidades d'este typo: O «*Varspite*», o «*Valiant*», o «*Barham*» e o «*Malay*». E' evidente que nenhum dos fortes turcos poderá resistir á artilharia d'estes barcos, cujas oito peças de 15 pollegadas podem fazer uma des carga de 7.300 kilos, de metal, aos quaes se podem acrescentar mais 300 kilos, lançados pelos seus doze canhões de seis pollegadas.

Com respeito á resistencia dos turcos ouçamos a opinião d'uma actoridade naval: — Segundo os telegrammas recebidos, o resto da esquadra turca chegou a *Chanak Nagara*, chave dos Dardanellos. O «*Goeben*» não appareceu. As suas avarias decididamente eram graves e difficeis de reparar. O «*Menoudich*», foi mettido a pique por um submarino inglês. Os dois antigos couraçados allemães, agora chamados «*Kaireddu Barbarossa*» e «*Torghont Reis*» permanecem á entrada do Bosphoro, em presença, sem duvida, da esquadra russa, que espera o momento fixado para a sua entrada em linha. Restam os dois couraçados protegidos «*Homidich*» e «*Medjidich*», que vieram com o «*Breslau*» trazer aos defensores das *Thermopylas da Turquia* um apoio moral, muito mais que material. Não é com canhões de 150 e de 120 milímetros que se podem bater effizamente os couraçados que attaccam os portos automanos.

A estes tres navios ligeiros juntam-se, na verdade, alguns *destroyers*, provavelmente os de 670 tonelladas, comprados em *Schichau*, de *Dantzic*, em 1910. Vêr-se ha o que estes sabem fazer com os seus torpedos automoveis, suppondo que os *destroyers* ingleses os deixam approximar-se a distancias do lançamento, o que seria grande surpresa.

Entretanto e sem duvida para satisfazer aos rogos dos jovens turcos, a frota austriaca deixou *Pola*, bombardeou *Antivari* e fez — diz se — o seu aparecimento no *Canal de Otranto*.

A esquadra austriaca pode ter o maximo trez *dreadnoughts*: o «*Viribus Unitis*», e «*Prinz Engen*» e o «*Tegetthof*», navios de 20.000 tonelladas, 21 nós de velocidade e 12 canhões de 305 millímetros, aos quaes se reunirão talvez seis couraçados antigos de 14.500 e 10.000 tonelladas. Acrescentam-lhes dois ou trez pequenos couraçados e uma forte divisão de navios ligeiros.

A esse corpo de batalha os aliados oppõem seis couraçados *dreadnoughts* bastante recentes do typo «*Dauton*» (18.000 tonelladas), que valem os primeiros *dreadnoughts*, e cinco couraçados do typo «*Patrie*», um pouco supe-

riores aos tres de 14.500 toneladas dos austriacos. Junte-se-lhes ainda uma bella esquadra de cruzadores couraçados muito mais fortes que os seus adversarios eventuaes, de valentes flotilhas de submarinos habituados ás manobras que exige o combate de esquadra.

O almirante Sackville Hamilton Cardan, commandante das esquadras alliadas que atacam os Dardanellos diz que, sem contar com o auxilio dos exercitos de terra, espera passar o estreito antes da paschoa.

As minas que lhe defendem a passagem estão sendo pescadas por setenta navios!

As obras de defesa de Bulaur e as baterias situadas acima da bahia de Marso tem sido eficazmente bombardeadas. De Constantinopla emigram em massa e os bancos Imperial Ottoman,

Allemao e do Oriente enviaram os seus capitães para *Brussa*.

O governo ottomano resolveu metter no fundo os cruzadores «Goeben» e «Breslau» logo que appareça a esquadra anglo-francêsa em frente de *Corne d'Or*.

A esquadra dos alliados ha-de ter grandes difficuldades a vencer sobretudo na parte mais apertada do estreito, que começa do lado asiatico na ponta *Repher*, um pouco o norte das ruinas de *Dardanus*, onde passa a via militar que vae de *Kun-Kale* a *Chanak*.

Os fortes de *Medjidje*, *Kosé-Kole* e de *Nagara* succedem-se até a bateria de *Abydos*.

Este acto de audacia attrahe as attentões do mundo inteiro, que lhe admirará os resultados, como o ponto de partida, o inicio de uma nova epocha historica. Um verdadeiro tremor abalou os po-

vos sob o estimulo da miragem do Oriente, banhado pela onda do *Fellesponto* e da *Propontida*, que nos fazem evocar as civilisações antigas.

Todos os olhares se concentram em *Stambul*, a cidade do Sultão e a capital do *Islam*, esse baluarte que em 1453 marcou o apogeu duma das mais extraordinarias aventuras de todos os tempos.

No dia em que Mahomet II entrou a cavallo em *Santa Sophia*, Constantinopla tornou-se a capital politica do *Islam* cujo dominio vae até aos confins da *Asia* e até *Marrocos*. E' pois de prevêr que os mussulmanos se levantarão em nome de *Mahomet* para defender a sua capital, a cidade das mil cupulas, dos mirantes, que se reflectem no Bosphoro. Os velhos turcos levantar-se-hão entre os profanadores.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



Narrativas dum Exilado

Memorias duma testemunha presencial dos primeiros acontecimentos da Grande-Guerra na Belgica

O quadro que D. Tomaz da Camara adiante nos desenha, a fortes pinceladas com as tintas cruas da verdade, apavora de espanto e horror... Aqueles que imaginaram um momento este sudario terrivel, tem occasião agora de constatar que por vezes a imaginação mais exaltada fica muito aquiem da realidade insofismavel dos factos. Se os barbaros novos da Germania obtivessem nesta guerra formidanda os louros do triunfo — nestes casos, a gloria corresponderia a vergonha, e a vitoria seria um escorcho de ignominia. O gesto santo da Belgica salvou a dignidade humana...

Sucessos de guerra até 30 de Agosto

III

O incendio de Louvain

O dia 26 de d'Agosto não foi menos tragico do que a noite precedente. O incendio de Louvain continuava em todo o seu horror. O quadro era sinistro. O estalar dos vigamentos com um som rouco e profundo e o medonho estampido das casas que desabavam, confundiam-se com os desesperados gemidos de milhares de pessoas afflictas.

Voavam as telhas d'um para o outro lado, como folhas desprendidas das arvores. O sol escurecia se porque lhe ofuscavam a luz os turbilhões immensos de poeira levada pelo constante desabar dos edificios. Com o nascer do

sol, a desgraçada população cobra animo, e todos se aventuraram pelas ruas. Triste espectáculo aquelle, porque montões de ruinas a cada passo obstruiam as ruas por modo tal que n'umas partes era preciso subir, n'outras saltar, e n'outras engatinhar para vencer as ruinas, trepando por ellas acima. Em tão tristes circunstancias ninguem olvidou os deveres de pae, de irmão, de filho ou de esposo, e todos sentiram logo os rebates do coração.

Scenas afflictas e diversas se passaram, portanto, nas ruas e praças de Louvain. Era um concerto unisono de gritos,

de lagrimas, de gemidos, de supplica e até de blasphemias.

No meio da confusão, chamavam uns pelos outros, os parentes mais estremosos, e a cada momento gritos de dôr revelavam, no meio da afflicção geral, o desespero lancinante d'algum drama de familia.

Quando cahiu a noite, e que as labaredas ainda existentes illuminaram com o seu sinistro esplendor, por varios sitios, a cidade arruinada, puderam vêr os habitantes a immensa extensão do desastre.

Escombros por toda a parte, e nas



EXERCITO BELGA EM CAMPANHA. — Marchando para a linha-de-fogo

ruas uma multidão lacrimosa cortando os ares com as queixas e os gemidos, e o incendio envolvendo ainda na sua vasta purpura a destruida Louvain.

E estas ruinas olhavam tristemente para os campos verdes, outr'ora tão alegres, agora tão desolados, e onde as colheitas apodreceram por falta de braços!

Mas ainda não estava saciada a sede infernal da soldadesca allemã. Novos horrores augmentaram ainda a pavorosa catastrophe. Os fusilamentos succedem-se. O latruncinio, o estupro, o assassinio desenvolveram-se d'um modo pasmoso.

Bandos de soldados se dispersaram pela cidade, matando, roubando e violentando as mulheres e até creanças que, no auge do terrôr, lhes imploravam innocentemente protecção, escolhendo para tneatro da sua orgia infrene a cidade devastada e luctuosa! Horriveis scenas que nunca mais se apagarão de certo da memoria dos que as presenciaram! Lugubres horas aquellas, cuja recordação deve fazer estremecer de horrôr os que se lembrarem depois!

Muitos desgraçados enlouqueceram



LOUVAIN — Igreja collegial de Saint-Pierre

contemplando as ruinas das suas casas, ou dos cadaveres carbonizados dos entes queridos das suas familias!

Muitos paes morreram de dôr e de vergonha por verem as suas filhas maltratadas por uma horda de bandidos sem fé e sem lei, aproveitando o ensejo para satisfazer todas as más paixões que podem brotar em espiritos perversos!

Pobre e querida Louvain, victima innocente do orgulho allemão!

Triste montão de ruinas! Callou-se o riso alegre das creancinhas e o toque solemne dos sinos, e até os passarinhos já não cantam no parque Saint Donat, mas só se ouvem gemidos e choros, e a gargalhada sarcastica e cynica dos assalariados do Kaiser.

São enormes os estragos materiaes causados pelo incendio, quer mesmo em Louvain, quer nos seus suburbios.

A estação dos caminhos de ferro ardeu completamente, assim como todos os edificios da Place de la Station, entre os quaes cinco hotéis e um animatographo.



LOUVAIN — Marché au Beurre — Depois de destruido pelos allemães

A rue de la Station, arteria principal de Louvain, mais comprida e mais larga do que a nossa rua do Ouro e acõde estavam os mais bellos edificios, ar-

pois do incendio, os allemães estabeleceram o quartel general.

A Place du Peuple, a maior de Louvain, e que contava uns oitenta edificios de luxo, ardeu completamente.

O Marché aux Grains ardeu quasi todo, assim como o Marché au Beurre e a rue des Joyeuses Entrées, aonde morava Mgr. Coenraets, vice Reitor da Universidade.

O soberbo Hotel de Ville, uma das mais preciosas joias da architectura flamenga ficou intacto. Mas o museu que la estava installado foi completamente roubado.

A linda cathedral de Saint-Pierre ardeu toda, tendo o seu incendio provocado a queda da velhissima torre flamenga e do seu conhecido carrilhão.

A velha Halle aux Draps, que desde 1426 pertencia a universidade, e aonde agora estavam installados a Reitoria, os Archivos, parte da Faculdade de Direito e a soberba e riquissima Bibliotheca da Universidade, ardeu completamente, enterrando nas suas ruinas seculos de trabalho e de glorias.

Contudo, é voz corrente em Louvain de que antes do incendio, os allemães roubaram as obras mais preciosas da Bibliotheca, as quaes enviaram para a Allemanha.



LOUVAIN — Rue de Diest — Depois de destruida pelos allemães

Os Boulevards de Tirlemont e de Diest arderam quasi completamente, assim como as Rues de Paris e de Bruxelles. Do Vieux Marché apenas ficou o collegio dos Josephites.

Ficaram completamente destruidas as ruas de Diest, Minchellers, Léopold, Juste Lipsse, Marie Thérèse, Notre Dame e todas as intermediarias. Arderam grande parte des ruas de Namur e de Tirlemont.

Toda a Grand'Place ficou reduzida a cinzas, excepto o Hotel de Ville, que ficou completamente rodeado de ruínas. O edificio dos correios escapou milagrosamente.

Todas as casas que ficaram entre as ruas de Paris, de Namur e de Tirlemont, arderam, excepto o conhecido café Sabot.

Os Bancos arderam, assim como o Hotel de l'Industrie, Café Magestic, Café des Brasseurs, Hotel Métropole, Hotel de Suede, la Royale, Taverne Mathieu, Cosmopolite, etc.

O Theatro municipal ardeu todo.

E tudo isto apenas no centro da cidade!

Todas as outras partes da cidade sof-



LOUVAIN — Marche au Beurre — Depois de destruido pelos alemães

Estes dois *faubourgs*, contiguos um ao outro, eram dois bairros operarios que contavam ao todo uns vinte mil habitantes. A parte da cidade que não ardeu, era exactamente a mais feia e pobre, mas os seus habitantes sofferam igualmente todos os outros horrores inventados pela horda allemã.

.....
E' impossivel relatar todos os episodios pungitivos d'esta formidavel tragedia, nem mesmo fazer a sua historia completa.

Mas não quero deixar de contar alguns casos que ouvi em Ostende a mui-

filhas estivesse então gravemente doente.

Sahimos do pateo da nossa antiga casa, cujas ruínas tivemos que atravessar e como fallo correntemente a lingua allemã, diriji-me a um soldado e pedi-lhe que me acompanhasse até fora da cidade. Partimos, protegidos por uma bandeira branca e pelo soldado allemão, que a todas as esquinas grita para que não atirem. Atravessamos assim a cidade aruinada, entre mil perigos, pois os desabamentos eram constantes.

A atmospha suffocava e o calor era insupportavel. As mulheres, de joelhos, supplicavam a protecção dos soldados allemães. Muitas chamavam o pae, o marido ou o filho, assassinado ou fusilado pelos allemães. No Boulevard de Tirlemont jaziam, abandonados, os cadaveres carbonisados d'uma mulher e d'uma creança! Naturalmente mãe e filho. A' sahida de Louvain fomos revistados, e mais adiante encontramos o cadaver d'um homem que foi fusilado por lhe terem encontrado um cartucho allemão que elle levava, sem duvida, como lembrança d'estes tristes acontecimentos!



SOLDADOS DE LOUVAIN LEVADOS EM CATIVEIRO PARA BRUXELAS

freram horrivelmente. Para os lados do Mont César arderam muitas casas e grande parte da rue de Malines. Para os lados do Canal os estragos foram importantissimos. Muitas casas da rue du Canal arderam, assim como o Theatre de l'Alhambra e todas as casas da rue du Manège. Os arrabaldes de Louvain, Blauroput e Corbeeck-Loo, arderam totalmente.

tas testemunhas presencias e victimas do banditismo allemão e que allí estavam refugiadas. Um commerciante da rue de la Station, e que ficou arruinado, contou-me o seguinte:

«Durante a tarde do dia 26, o incendio continuou com toda a sua furia. Resolvi sahir de Louvain e levar toda a minha familia, embora uma das minhas

Encontrei em Ostende o meu alfaiate, que em Louvain soffreu a sorte de quasi todos os desgraçados louvainistas. Ficou completamente arruinado. Foi preso e conduzido para Colonia, juntamente com uns 500 homens destinados aos trabalhos do campo na Allemanha. Muitos illustres professores da Universidade fizeram parte deste grupo, que foi maltratado, fazendo grande parte do caminho a pé,

sem quasi nem comer nem beber. Muitos desgraçados morreram no caminho, e alguns mais felizes conseguiram fugir para a Hollanda, entre os quaes o meu entrevistado, que em Ostende estava cheio de cuidados na familia que ficara abandonada em Louvain e da qual nada sabia.

Grande parte da população valida foi assim enviada para a Allemanha, onde os hypocritas defensores da civilização a escravizaram nos trabalhos de campo. Uma mulher que em Louvain fôra minha visinha disse-me que vira os allemães encherem dezenas de *fourgons* com moveis, livros e objectos d'arte, tudo producto da pilhagem que elles enviaram para as suas terras.

As caves, foram despejadas, e em Louvain não ficou uma unica garrafa de vinho, cheia. Tudo elles beberam, emquanto a desgraçada população era obrigada a aturar as insolencias daquelle raça immunda de bebedos.

No dia 28 d'agosto, na place de la Station entileiraram todos os homens apanhados ao acaso e mandaram sahir o 5.º, o 10.º, o 15.º etc., que são em seguida fusilados.

No dia seguinte são mais rigorosos ainda. No Vieux Marché fusilam os numeros pares e enviam para a Allemanha os numeros impares. Foi assim que o illustre medico e dignissimo professor da Universidade M. Dandois escapou da morte e foi para a Allemanha trabalhar nos campos.

A velha Universidade soffreu horriavelmente.

A maior parte dos seus estabelecimentos ficaram avariados; alguns foram pilhados.

A Bibliothéca, a Faculdade de Direito e os Archivos arderam totalmente,

O Reitor, Mgr. Ladeuze, está prisioneiro em Bruxellas.

O Vice-Reitor mgr. Cœnraets está prisioneiro em Colonia.

Os professores, muitos estão presos na Allemanha, outros exilados na Inglaterra e França, alguns na Belgica, soffrendo a infame tyrannia do invasor.

A Belgica e todo o mundo scientifico choram a morte do eminente Professor da Universidade Catholica de Louvain e distinctissimo lente das Faculdades de Philosophia e de Medicina M. l'Abbé A. Thiéry que os allemães fusilaram numa aldeia da Belgica juntamente cum dois padres.

A maior parte dos alumnos da Universidade de Louvain constituíam o batalhão academico do regimento de infantaria n.º 10 que ficou quasi totalmente morto nos combates de Namur!

E' impossivel descrever tudo o que se passou n'aquella tragica cidade. Mas de oitenta mil habitantes que conta Louvain e os seus arredores, não ha um unico que não tenha a sua historia tragica, um unico que não tivesse sido victima da brutalidade allemã!

E' porquê todos estes horrôres?

Suppondo verdadeira a accusação allemã de que a população civil de Louvain atirou sobre os soldados do Kaiser, desculpa-se a represalia brutal e selvagem de castigar milhares de innocentes?

Eu estou absolutamente convencido que essa accusação é falsa. Assim m'ò affirmaram centenas de testemunhas,

entre as quaes alguns homens de comprovadissimo valor, como o dr. Gilson.

E suppondo mesmo que alguma coisa tivesse havido, não seria isso antes uma defeza propria, ou a defeza dos seus haveres?

A causa de tão abominavel crime é ainda desconhecida, mas ella não desculpará nunca a horda assassina que o praticou.

Um germanophilo de espirito acanhado argumentou-me que, se os allemães tinham incendiado Louvain é porque a população civil tinha atirado contra os soldados.

Estupido argumento!

Se para provar a culpabilidade d'um reu, bastasse condemnal-o, nunca mais haveria erros judiciaes!...

Não se julgue por isto que eu seja francophilo!...

Não.

Sou amigo da Belgica e quero a paz para o mundo e que se faça justiça.

Para isso, só confio em Deus.

THOMAZ DA CAMARA



ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

A condessa Zolanzi e Terka, uma vez bem certas que não tinham nada a temer da terrival doença, sahiram varias vezes para vizitarem Myrto e passarem algumas horas com ella. Renato e Milcza quizeram tambem acompanha-las, mas Irene disse que não estava bem segura da marcha da doença! Irene sempre sentiu por Myrto um certo ciúme pela beleza e encanto da prima.

O padre Joaldy veio tambem visitar a doente. Um dia trouxe lhe uma caixa de couro branco, e quando Myrto a abriu, viu a admiravel estatueta da Virgem que se encontrava no quarto de Karaly:

—O principe Milcza, pede-me para receber esta dadiva como recordação do filho.

—Oh! como eu fico contente! agradeça-lhe em meu nome, sim?

Todas as vezes que o olhar de Myrto encontrava a imagem santa da Virgem, tinha uma recordação da criança e uma oração pelo pae.

Teria descido um pouco de resignação sobre aquella alma? Myrto pensava muitas vezes com angustia. Ella não podia saber nada, a condessa não vira o filho depois do dia de enterro e o padre Joaldy não tendo podido provocar a menor confidencia, nada sabia explicar. Myrto apenas sabia que o principe passava horas no seu gabinete e pelo parque passeava a cavallo.

—Procuraria elle ainda a morte? pensava Myrto muitas vezes.

Ella esperava com uma certa impaciencia o momento em que elle retomasse a sua vida habitual, talvez então ella podesse adivinhar o que se passava na sua alma.

Mas a sua esperanza desapareceu, no castello, nos jardins, no parque, o principe era invisivel.

—Vae ficar doido! murmurava Terka, sacudindo a cabeça.

—Mas enfim, disse um dia Myrto, levada por uma certa franqueza, não poderiam tira-lo de tal solidão?

Terka e Irene ficaram um momento pensativas.

—O que está a dizer?!, disse a mais velha, minha pobre Myrto, não está bem da cabeça! Não posso crer que assim não conheça bem o príncipe Milexa, como receberia uma tal audacia!

—Porque não gosta bem d'elle; porque elle sabe que tem medo. Mas se ousar... se elle vir o seu ardente desejo de o consolar, de o ajudar nos seus desgostos...

—Oh! oh! interrompeu Irene, Myrto, pensa assim pelo simples motivo de julgar que o príncipe se esquecer da audaciosa linguagem que teve um dia.

—Francamente, Myrto, porque não faz a experiencia?, disse Terka.

—Pois sim; para mim seria impossivel vêr soffrer um irmão, sem o consolar, cura lo, lá com o receio de o fazer irritar.

Irene lançou um olhar para Myrto, bastante irritado e encolhendo os hombros:

—Não imaginava que Myrto fosse tão criança! Estou quasi a dizer que é capaz de o converter...

—Era esse o seu dever, Irene! disse Myrto friamente.

Irene ouvindo estas palavras sahiu com a irmã, do salão.

N'essa tarde Myrto mostrou desejos de ir vêr uma criança doente nos arredores de Voraczy.

A epidemia estava quasi a desaparecer, a condessa e os filhos retomavam a vida antiga. O padre Joaldy somente indicava a Myrto as casas onde o flagello não passara. Myrto sempre sahiu; depois de ter levado consolações, conselhos e esmolas; na volta atravessou lentamente o parque. Encontrando-se fatigado, pois as suas forças ainda não estavam de todo restabelecidas, sentou-se junto a um pequeno lago. Procurando o lenço para se limpar d'algumas gotas de suor, encontrou no bolso uma sacca de dinheiro. Apoz alguns tempos, sempre a trazia na esperanza de fallar com o príncipe. O caso de Miklas e mais tarde o acontecimento triste de Voraczy vieram retardar esta explicação que era para ella indispensavel.

Mas quando o tornaria a vêr? Agora ainda mais retirado? Pensativo, deixou-se divagar, o silencio era completo, apenas uma folha cahia, uma ave chilreava. No entanto eis que o galope de um cavallo se fez ouvir. O cavalleiro saltou umas sebres e parou de repente a pouca distancia de Myrto. Esta voltou-se e deu um pequeno grito. O cavalleiro fez uma pequena exclamação e desmontando-se rapidamente veio cumprimentar Myrto.

—Teve medo, Myrto? Não a tinha visto, as arvores encobriam este logar.

—Que salto tão difficil, julguei que procurasse uma nova desgraça

—Que ideia, Myrto! E' um exercicio que muito gosto, sou um magyar; agora estou triste por a vêr tão atlita.

Não é nada, já passou, disse ella com um encantador sorriso.

(Continua)

O "Occidente" das Creanças

(AS DUAS PRINCESINHAS)

Era de uma vèz um Rei tão bondoso, como nunca houvera outro em toda terra. Do alto do seu castello velhinho, pendurado na crista dum cêrro, como ninho d'aguia, avistavam-se os campos a vergar de espigas, a fumarêda dos cascaes tranquilllos, a bulhosa corrente dos ribeiros, as penedias, o arvorêdo além, e até no fim do horizonte, uma fita azulada, que era o Mar.

A bem fazêja sombra do castello, recoberto de musgo, vinham-se abrigando gerações enormes de vassálos. A esses pobres nunca faltava o pão nem o bragal; e até nas graves doenças o physico do Rei vinha todos os dias visitá-los.

Vinte léguas, cem léguas em redôr, de paes a filhos, toda a gente abençoava o bom do Rei, como uma dádiva do Céu. Ao tanger dos sinos, pelas Trindades, era um louvar a Deus de orações. O Senhor vivia lá no alto onde ninguem chegava; mas as creancinhas amavam no como um Pae, e nunca o bernal do mendigo se estendêra para elle, que não recebesse logo uma esmola.

Por isso, quando em tempos de festa o soberano corria os seus dominios num cavallo branco, rodeado de chameleiros, de servos e donzeis, as portas abriam-se de par em par, e velhos e môços, em fileira na borda dos caminhos, levando a mão ao peito, dobravam o joelho...

A pequenada—essa batia as palmas

colo, num deslumbramento risonho de creanças...

E o cortejo lá ia, estrada fóra, scintillante e ruidôro, no meio das benções do pôvo feliz...

Nunca nos baluartes ficára alguém a balouçar na fórcia; iam-se os corvos, a mingua de sustento, se lhes não abundasse melhor cibo.

Tambem na Tôrre de menagem o pendão do Senhor era um symbolo de paz:



... O SOBERANO CORRIA OS SEUS DOMINIOS NUM CAVALO BRANCO...

uma cruz d'ouro aberta em campo negro de vellúdo. Lá estava erguida a tremular ao vento; e de longe os campônêses com admiração e orgulho não se fartavam de a vêr, como uma aza miudinha, a esvoaçar.

Nos annos de pobreza jámais se levantára a ponte levadiça para fechar a porta senhorial á miseria. Os saccos de pão, guardados na fartura, desciam aos hombros dos servos, a caminho do valle.

Era tradição ali que o bom do Rei não conhecia a Morte. Pois não governava sempre aquelle Senhor magestoso, alto como uma fortalêsa, de barbas, como fios de prata, e mais rijo que o mais afouto rachadôr de lenha?

Elle morria certamente, vergando ao pêso de annos, como um solitario do deserto; mas resurgia no filho, que apparentava quasi a mesma idade, o mesmo vigôr, o mesmo aspecto...

De vez em quando permittia Deus que uma figura branca apparecesse no castello real, em testemunho do contentamen-

to divino e da protecção áquelles povos. Ora havia muitos annos que o phantasma côr de neve se esquecerá da visita. Muitos annos... Até os mais velhos haviam perdido a conta...

Fôsse o que fôsse estava p'ara succeder uma desgraça. Um mercadôr estrangeiro—cousa rara!—viera de passagem por alli fazer negocio. Com os seus ardis de traficante enganára a gente simples; e para mais, ao retirar-se, o mercadôr maldito, lançara peçonha nas fontes. Ao menos corria essa vóz...

Já uma triste viuva, cahira morta de espásmo ao encher a bilha d'agua, pela segunda vez... Deixaram-na exposta á beira do caminho, com os grandes olhos, como duas amôras, esboghados pelo veneno—de prevenção aos viandantes. E aquella fonte ficára interdita...

Mas em todas as nascentes havia o mesmo philtro do mercadôr. Já a peste corria, como um vento máu, de lareira em lareira...

Então na capella real, á imagem da Senhora, dia e noite ficavam accêsos braçados de cirios.

E o bom do Rei desceu a pé a escarpa da montanha, vestido de nêgro, acompanhando as princezinhas pela mão. Eram o seu unico bem, as duas filhas. E iam todos três, acompanhados dos pagens e dos physicos, levar soccôrro áquella pobre gente.

Dizimára ja meio povoádo a peste maldita. Faziam-se procissões. Na capella senhorial nunca se acabavam os braçados de cirios. E o bom do Rei e as boas princezinhas, cuidavam dos enfêrmos, santamente... Ainda não se lhes pegára o mal; contudo, uma noite de vela, entraram a sentir uma algidêz profunda.



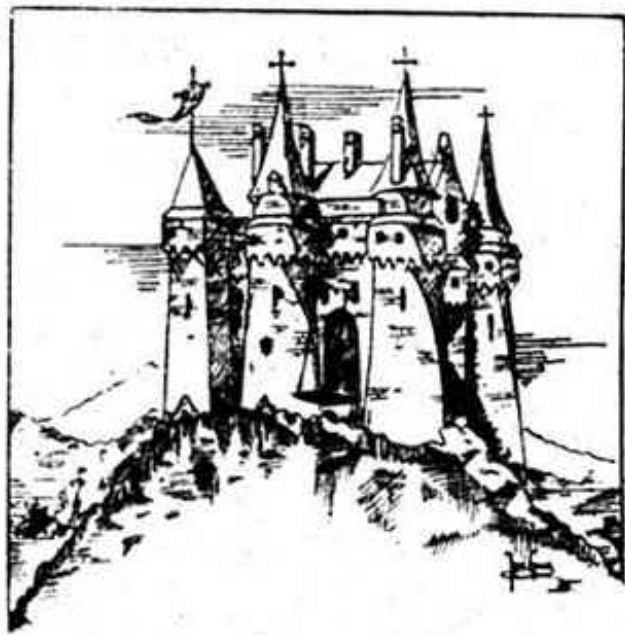
E ADORMECERAM AMBAS NUM SORRISO

E adormecêram ambas n'um sorriso, como dois lyrios brancos...

Mas naquella noite de pesádo luto o phantasma côr de neve appareceu.

A peste nêgra sumiu-se. Deus quizera para si aquelles dois anjos...

M. A. S.



... CASTELLO VELHINHO PENDURADO NA CRISTA DUM CÊRRO ...

de satisfeita; e seguia atraz do imponente cortejo, como atraz das procissões, levantando com os pésitos nus uma revoáda de pó... Os mais pequeninos, que ainda sugavam o leite materno, olhavam para a comitiva de bruços no

VERSOS NEDITOS

Saudade

Dizem o amor ainda mais forte
Que a propria morte!

Mas da maior suavidade
E' a saudade.

Não aprecia a juventude
Porque se ilude,

Mas, ao findar a mocidade,
Surge a saudade.

Vai-se esta vida amargurando,
E ella aumentando.

Quasi no fim é anciedade:
Triste saudade!...

Com a morte acaba amor, paixão!...
Saudade não.

Igualdade

A arma da jaqueta: uma navalha;
A arma da casaca: uma calunia;
Os processos estremam a escumalha,
A repugnante e vil perfidia une-a!

Valeis o mesmo, homens de má raça,
Quer vos anime o ferro, ou a traição,
Sois todos instrumentos da desgraça,
Fazeis na gente honesta repulsão.

E quantas vezes a calúnia, ferindo,
Produz golpes terríveis e fatais?
Ao largo!... Vossa trilha ide seguindo:
Sereis meus semelhantes — não iguais.

Gerez — 1914

CRUZ MAÇALHÃES



ARCEBISPO PRIMAZ DAS ESPANHAS

Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Mattos

Dia 24 deste mês, a cidade de Braga exultou-se de regosijo e festa. E' que nesse dia fez sua entrada solemne ali o novo arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Mattos, recebido com palmas e flôres, em meio dum entusiasmo indescritivel. Prestamos ao eminente prelado a homenagem dos nossos respeitos e admirações.

UM NUMERO DE MUSICA

Impressões

Sobrio e grave, como convinha, e era o scenario: nada d'essas iluzões decorativas que limitam o ambiente em que vão agitar se, apaixonar-se e viver os protagonistas e comparsas de alguma acção evocada e já vivida, ou de qualquer outra, producto de engenhosa fantasia:

O fundo, a limitar o proscenio, aquelle escarlate escuro do bipartido panno de veludo que fecha a scena no theatro de S. Carlos. Ao centro do espasso livre ostenta-se aberto um piano de concerto ladeado de duas cajeiras, uma em frente do teclado, a outra á parte opposta. Cá fóra a luz artificial de um tom um pouco mais intenso que os esbatidos da luz crepuscular, e em todo o ambito do theatro, desde a amplidão da platéa ao mais alto das torrinhas, a multidão compacta, em attenciosa e concentrada expectativa, que parecia dominar os proprios rumores da respiração. A solemnidade do momento impunha-se, como que se entrasse espavorida uma resurreição, uma alevia.

Estava designado no programa uma das melodias de Schumann, op. 15 *Scenas infantis*, mas a solemnidade e encanto da partitura que para os devotos da arte, não eram decerto desconhecidas accrescia o captivante interesse de ouvir reproduzida pelo ritmo da palavra em uma lingua tão conhecida e tão familiar como o nosso tão lidomo portuguez.

Deprehendia-se do programa que a duas jovens senhoras cabia a missão de executar a terceira parte do 10.º e ultimo concerto da Orquestra sinfonica portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch.

Suas Ex.ªs Mademoiselles Maria Rey Collaço e Amelia Rey Collaço, nma vez no proscenio tão gentis e tão distinctas conquistaram desde logo toda a assemblea, com a serena e modesta suavidade da sua apresentação, tão delicada e feminina.

Mal sabia eu, embora um tanto prevenido, como ia assistir a uma resurreição.

Lopes Vieira deixara-se um dia enlevar pela melodia *Scenas infantis* e entrou em comunhão psychica com a alma do compositor, a talento irmanou as almas que se encontram na mesma phase do sentir, e seguindo de momento a momento as ondulações sonoras que irradiaram da alma do compositor, conseguiu trazer para o ritmo da palavra tudo quanto áquelle lhe borboleteou na phantasia em uma hora, talvez idealista, ao recordar saudades da infancia.

E' uma evocação genial a do sr. Lopes Vieira. São treze estrophes do mesmo poema de uma idealidade superior que lhe permittio traduzir a criança em todas as phases-anemicas do seu desenvolvimento, levando-a pela mão ate á porta de amanhã, onde para a abrir a espera attenta a juventude.

O que para alguém não seria a harmonia de Schumann mais que um delicado e primoroso trecho de musica a deleitar o ouvido, a afagar os sentidos, e a entornar saudades no coração, para outros o poeta foi uma revelação, cristalizou com a intuição da sua muza inspirada o que ha já tantos annos Schumann idealisara e sentira.

isto não era tudo; a graphia da notação e da palavra para viver, para se comunicar, para emocionar, careciam de quem lhes inspirasse a alma: era o sacerdocio renovador a Ex.ª Sr.ª Rey Collaço.

A execução da harmonia ao piano seleccionada conforme as estrophes da recitação para phrasear sob os dedos habeis de Mademoiselle Maria com uma precisão admiravel as situações que o ingenho poema ia desenvolvendo; demonstrou assim como o poeta adivinhara o compositor.

Mademoiselle Amelia na recitação adivinhara o musico e o poeta, traz rasgos de uma inspiração sublime, todas as suavidades, todos os enthusiasmos, todos os caprichos, todos os terrores da alma da criança deslizando tudo em uma voz puramente feminina, delicada e melodiosa, onde bri-

lharam por v-vezes fulgurações de enthusiasmo, ou enternecimentos de uma lagrima.

Se esta audição tão completa, tão perfeita, podesse ter tido logar, pelo menos, uns sessenta annos atraz, e que Schumann tivesse a boa fortuna de assim se ver tão bem comprehendido e reproduzido, teria decerto tomado entre as suas em carinhoso afago as pequeninas e adestradas mãos que davam vida e paixão ás suas notas; a Lopes Vieira apertava sobre o seu coração em effusivo abraço a significar-lhe como nas suas composições se irmanavam as suas idealidades creadoras; e como verdadeiro crente que assiste com devoção a uma missa de arte em que fosse officiante Mademoiselle Amelia ao cu var-se perante ella commovido, resaria o seu credo de joelhos.

SILVA MATTOS

ALEMANHA

A França toma a supremacia europeia nos reinados de Luiz XIII, Luiz XIV e Luiz XV. A Prussia começa a disputar-lh'a na guerra dos sete annos. Napoleão I faz com que Francisco II renuncie ao titulo de imperador da Alemanha, e fique apenas imperador da Austria, e forma do imperio a confederação do Rheno, sob a sua protecção, e os reinos de Saxe, Baviera e Wurtemberg. Em 1815 fórma-se a confederação germanica, sendo o Estado mais importante a Austria. Em 1864 a Prussia aliada com a Austria fazem a guerra á Dinamarca e tiram-lhe os ducados do Elba; mas em 1866 a Prussia, desejosa de abater a Austria e collocar a fóra da confederação, para melhor poder realizar a unidade allemã, declara-lhe guerra, vence-a em Sandowa, e, pelo tratado de Praga, collocou-a fóra da confederação, annexou seis pequenos Estados conjuntamente com os quaes formou a confederação allemã do Norte, e com os restantes (Baviera, Wurtemberg, etc.) constituiu uma confederação do Sul.

Em 1870 as duas confederações fazem a guerra á França, e durante o cerco de Paris é proclamada a união das duas confederações para formarem o imperio allemão, sob o sceptro do rei da Prussia. (Geographia Geral Actualizada—Coordenada por José Nicolau Raposo Botelho, 1878).

Preferia precedente inserção a outro qualquer trabalho, sem excluir o meu proprio, por me parecer que os leitores ganharão com isso visto não faltar n'ela a expressão exata de occorrencias, capaz de ministrar a necessaria idéa de generalidade aproveitavel.

Ao mesmo passo, no quadro, assim traçado por Botelho, abunda materia sufficiente para servir de base a meditação filosofica e para firmar e fundamentar logicos argumentos de critica sensata.

A Prussia dera que fazer á celebre Maria Teresa, de Austria, que, a braços com tal potencia, não poudo contar com forças para a Italia. «Desembaraçada, em 1746, da guerra com a Prussia, ella podia dispôr de uma parte do seu exercito.» (Abrégé de l'Historie d'Italie por Jules Zeller, livro XIII).

Em 1886, já não era caso para distração de nenhuma especie.

«A Prussia pôz em pé de guerra seiscentos e sessenta mil homens, entre exercito ativo e landwch.» (D. Nemesio Fernandes Cuesta, continuador da His-

total *Universal*, de Cantu, versão portuguesa de Bernardes Branco.

Em 1870, todos nos sabemos que foi vencedora da França e lhe diminuiu território, mantendo só por si dentro do sul invadido 800.000 soldados!

Em cento e oitenta dias os seus sustentaram cento e cinquenta recontros, venceram dezassete batalhas, tomaram vinte e seis praças fortificadas, cento e vinte bandeiras, seis mil e setecentos canhões, aprisionaram onze mil seiscentos e cinquenta officiaes, e trezentos e sessenta e tres mil soldados. (Os *Ultimos Trinta Anos* (1848 a 1878) por Cesar Cantu, tradução do Visconde de Castilho).

Em 1813, no *Abrégé de la Nouvelle Géographie*, lia-se o seguinte.

«A população dos Estados da Confederação do Reno pode ser computada em 10.000.000 d'habitantes».

Em 1870, *Cours de Géographie* por E. Cortambert, sob a rubrica *Empire d'Allemagne (Prusse, etc.)*:

«... a sua população é de cêrca de 35.000.000 d'habitantes».

Ao iniciar-se a guerra actual essa cifra excedia sessenta milhões de seres!!!

Alguns elementos curiosos:

O imperio da Alemanha tem por extremos o mar do Norte, a Dinamarca e o mar Báltico, ao norte; a Holanda, Belgica e França, ao oeste; a Suíça e Austria, ao sul e a léste a Rússia. A sua superficie orça por 545 mil kilometros quadrados em que se erguem montanhas ao sul, estendem-se amplas planícies ao norte e existem vales apraziveis na zona central. De entre os seus montes destacam-se os Gigantes, o Harr e o Turinge-Wald, e importa mencionar na sua area enorme a presença dos rios Reno, Elba, Oder, Vistula e Danubio.

De temperatura toleravel, não é entretanto igualmente fertil o seu clima, generoso no sul e oeste, pobre e esterilizante nas regiões do norte.

O minerio, em compensação, no genero metaes, como sal-gema e hulha, anima a exploração e parece remunerar actividades empreendedoras.

Os cereaes e o lupulo não são estranhos a terra que, nas pastagens do norte, é boa creadora de gado bovino e cavallar. Na Prussia, pelo dizer de Guthrie, citada, os porcos e patos avultavam em quantidade; e não me consta que haviam sofrido escassez, ao menos quanto a carnes suinas.

Nas industrias a Alemanha toda ascende em linha pasmosa. O ferro, aço, ouro, prata, vidro madeira, tecidos estão sempre em suas officinas, a enfeitar-lhes o encanto e, aqueles dois artigos principalmente, a despertar-lhes o orgulho, a embriagal-os de delirio absorvente que a quimica e a fisica termina por consumir.

O cuidado meticuloso no plano de ensino tencernente é admiravel.

«Nas classes de sciencias, as leituras dos aparelhos são sempre feitas pelos alunos, que se levantam dos seus logares, muitas vezes, para ir fazê-las. Todas as experiencias de aula, ou são feitas so pelos alunos, ou sempre colaboradas por eles». (Vidé *Relatorio do pensionista da 8.ª classe*), Antonio dos Reis Silva Barbosa, impresso em apêndice ao *Diario do Governo*, com o n.º 123, de 3 de abril de 1909).



A MEMORIA DE ANTONIO NOBRE
Lápide colocada na «Torre de Antos» —
Versos de Tito Bettencourt

Julgo interessante, apesar de não ignorado pelos leitores, a designação organica alemã, a parte possessões ultramarinas: 4 reinos (Baviera, Saxe, Wutemberg e Prussia); 6 granducados (Saxe-Weimar, Mecklemburgo-Schuverim, Mecklemburgo-Streititz, Oldemburgo, Hesse-Darmstadt e Bade); 5 ducados (Brunswick, Saxe Coburgo, Gotha; Meiningen, Saxe-Altemburgo e Anhalt); 7 principados (Lipe, Lipe-Schaumburgo, Waldeck Pymont, Reuss Schleiz, Reuss Greir, Schwarsburgo-Sondershansen e Schwarsburgo-Rudolstadt); 3 cidades livres (Hamburgo, Breme e Lubeck).

Para o commercio, sem embargo de cada um d'estes estados se entender no conjunto com certa autonomia individual, compativel com o estado fundamental do imperio, que estabelece duas assembleas, *Reichstag*, eleitos do povo e *Bundesrath*, conselho de delegados dos Estados, a quem compete nomeal-os por ordem de importancia material e politica, para o commercio, como ia dizendo, cõtribue poderosamente a vitalisal-o e a promover-lhe prosperidade a união aduaneira, que a todos abrange sob o nome de **Zollverein** e que partiu de iniciativa ou de completa aceitação prussiana.

Como chegou a Alemanha a uma posição culminante deveras?

Disse-o, eloquentemente, n'estas formaes palavras de uma conferencia levada a efeito no Rio de Janeiro, em 26 de maio de 1902 (*O Elemento Portuguez na Colonisação do Brazil*) o dr. Silvio Romero:

«Todos entraram na faina: primeiro os poetas, com seus hinos patrioticos e geraes para toda a nação; depois os historiadores e *folkloristas*, com suas pesquisas acerca do passado da raça, dos grandes feitos do povo, das lendas e tradições comuns; por ultimo, os estadistas dignos d'este nome, que são unicamente aqueles, que se revelam uma especie de incarnação do genio e dos intuitos da nação».

E a unidade fez-se, a unidade está-se fazendo, cada vez mais intensa, mais poderosa, mais promissora de alevantados destinos.

Tal é o vigor do principio ethnico das nações».

Com efeito, a Alemanha tudo isto realisou ao som de vitória, e aquele scenario do dia 18 de janeiro de 1871, em Versailles, aniversario de outro, havia 170 anos, em que Frederico 1.º tinha cingido o diadema real da Prussia na cidade natalicia do famoso filosofo Kant, encerrava o merito de cupula irradiantissima de um edificio gigantesco.

Bastaria?!

Entretanto, o que inculca Hegel na *Filosofia do direito?* não assevera ahi o desenvolvimento do mundo por tres estadios em que sobreleva o do alemão, a quem tocara o predomínio universal pela sciencia?!

Estontearam-se as cabeças totalmente: não mais foi possivel equilibrio ponderado, n'um paiz metido em campo fechado por visinhos fronteiros e com uma população excessiva para os produtos da sua agricultura e das suas geiras!

Apelaram para a força armada e para todos os meios e recursos de vencer e de suplantar. Bateu a hora de atrevimentos de toda a ordem e de ensaios de convenientes aproximações; mas, nada lograva acudir com proficuidade á estupenda manutenção de alguns milhões de homens em armas, com a ultima palavra de provisões e de estratégia fortificada!

O precipicio abriu-se, por fim.

Quanto mais valêra a civilisação e ao mundo que no cerebro do homem se não gerasse e tomasse corpo a cegueira do mando, a insaciabilidade enfermiga do poder.

Oferecer se nos-ia agora o espetaculo deprimente de contrastes em que a nação de Wagner, de Niebuhr, de Mommsen, de tantissimas aguias de genial aprumo em todas as provincias do saber e em todas as esferas da Arte, levanta o camartelo de razzia tremenda, sem vacilar diante da vetustez serena de monumentos insubstituiveis, nem de escolas, nem de direitos?!

Enganar-se-ia, tristemente, Lerminier (*Philosophie du Droit*) quando afirmou: «O direito é a vida» ou Michelet ao gravar na primeira pagina de *L'Oiseau* este profundo conceito de Rückert: «Azas!»?!

O Direito, é vida, e de Azas carece a mente humana para a ele se elevar não por intermedio de esforço alheio, a pretender impôr se por explosivos, mas por propria leitura da consciencia no livro racional da Naturêsa!

(Continúa)

D. FRANCISCO DE NORONHA



O MEZ ME TEOROLOGICO

Fevereiro de 1916

Barometro — Max. altura 772,55 em 12.

Min. " 752,6 em 10.

Thermometro — Max. 17,4 em 27.

Min. 6,3 em 1.

Chuva 92,1 em 21 dias—havendo-se registado em 4, uma altura pluviometrica de 25,7 em 10, uma equivalente a 13,00—Mez muito húmido e chuvoso.

Nebulosidade—Céu limpo ou p. nublado 4 dias

Céu nublado—17 dias.

Céu encoberto—7 dias.

Horas de sol 125,05.

CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

LARGO DO CALDAS, 1, 2.º

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas. leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciales. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que deseiaem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2. — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *

Preparado Carlos Pimentel

que
por completo
tira a caspa
e
evita a queda do cabelo



Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa
DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfectação meticolosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lunches para casamentos, baptizados e solreias

Dans Les "Fleurs,"
São os perfumes
da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

Alberto C. Lima

— Professor de Guitarra —

E

— VIOLA FRANCEZA —

COM

— As melhores referencias —

Rua do Loreto, 50, 3.º — LISBOA

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis

Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

J. MARINHO

CALÇADA DA GLORIA, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 2189

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904
Xarope Peitoral James
Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1884, Paris 1889, Belem 1893, Amoy 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.
Merico contra todas as afecções dos orgãos respiratorios, taes como: tosse rebeides ou convulsas, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS
Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS
PEDRO FRANCO & C.ª
Rua de Belem, 147 — LISBOA